**INTRODUTÓRIA**

*‟ Seja como for, nenhum nome*

*é dado ao acaso.*

*Cada nome é uma mensagem”*

[César Cumbe[[1]](#footnote-1)]

O valor cultural e simbólico dos nomes próprios e tradicionais de pessoas e apelidos em Moçambique e o seu contributo na educação, através do currículo local, assim como na preservação do património cultural e material constitui o foco da presente dissertação. Dentro deste tema, dedicamos especial atenção à reflexão em torno dos nomes próprios e tradicionais de pessoas e apelidos em Moçambique. No trabalho, não se aborda a categoria *nome* na perspectiva gramatical e nem da linguística de ‟gabinete”, porém na linguística do terreno ou aplicada, *Sociolinguística* associada à etnolinguística[[2]](#footnote-2) e antropologia da linguagem. Com efeito, direccionamos este estudo à **onomástica**, uma vez que abordamos o nome e o uso de apelidos associado/relacionado à cultura e valores da sociedade moçambicana, procurando ver a sua etimologia, a essência da sua atribuição às pessoas e a sua valorização na educação a partir do currículo local. Aliás, se para BERNARDI (2007:38) *os valores culturais são elementos existentes numa cultura e que contribuem para a sua unidade, para a sua integridade e constituem um bem e, que devem ser valorizados*, então apresentamos nesta dissertação um elemento (nome tradicional dado à moda africana), um bem cultural que merece ser conservado para, de facto, contribuir para o enriquecimento da ciência africana. BERNARDI *op cit*. (p.38), alerta ainda que qualquer elemento constitutivo da cultura se transforma num valor. Também, partimos para esta abordagem com os pressupostos defendidos por BERNARDI *op cit*. (2007:39), de que *o sentimento de identidade com uma determinada cultura, a certeza de pertencer às suas instituições sociais, dá-nos consciência dos valores culturais como um património que, embora enriqueça pelos benefícios que comporta, força à sua manutenção e à sua renovação* e de que *a relatividade dos valores culturais é uma conclusão de profunda importância para a antropologia da linguagem que se propõe avaliar os valores da cultura humana em todas as suas manifestações e têm por fim fazê-los conhecer e conservar.*

Outrossim, o nome que aqui estudamos não é o que JULIASSE THOMO (2011) estudou na sua dissertação, ligado à história, à política etc.; o nome que CUMBE (2010) estudou, o dos cães e muito menos tratamos o nome numa perspectiva da linguística estrutural. Porém, o nome que às vezes sobrevive até a idade jovem ou adolescente e depois é normalmente substituído pelo nome do registo ou ‟oficial”. No mesmo diapasão, falámos dos apelidos, onde verificamos a sua dimensão na configuração social e nos contextos em que eles são usados em detrimento dos nomes tradicionais. Também, dos tais nomes, reflectimos sobre o valor simbólico (espiritual), cultural e o uso destes na comunidade de Mexixine - Zambézia e Marara em Tete.

Portanto, prestamos atenção, neste tipo de nomes e apelidos, ao aspectos extra-linguísticos que estes itens lexicais transportam na sociedade, visto que a comunidade atribui nome às pessoas consciente desse aspecto. Por exemplo, em Marara nasce uma criança e a família decide atribuí-la o nome de *Mpeni*. Em termos morfológicos, a palavra *Mpeni* é forma verbal do verbo *matar* em *cinyungue*, no modo imperativo. Neste caso e, à luz da semântica e intenção do imperativo, o nome *Mpeni* corresponde a ‟*matem”!* Portanto, é uma *ordem* dada a receptores, obrigando-os a matar o recém-nascido. Entretanto, nesta situação, não é verdade que os pais queiram que a criança passe por tal tragédia. Porém, atribuem este nome de forma irónica, com intuito de proteger a criança dos malfeitores, os tais que matam. Com base nisso, podemos dizer que o nome em Moçambique, para além de ser uma identidade, é revelador de sentimentos ligados às vicissitudes da vida e cenas do dia-a-dia e a atribuição é consciente e intencional.

Outro facto não menos importante e, que merece realce é de que, neste trabalho, o termo tradicional não se aborda numa perspectiva pejorativa, ou melhor, não abordamos o nome tradicional como sendo aquele coroado de males, que não serve e outros adjectivos negativos. Porém, vemos como tradicional, neste trabalho, na visão de MARTINS (2005). Pois, *op cit*. (2005:14) considera algo tradicional como *causas da permanência e repetição de elementos identificadores e particulares nas práticas de uma comunidade ou popular*. Também, concebemos o termo tradicional, na perspectiva de MARTINS *op cit.* (p.14), *como elemento específico da originalidade de factos culturais, pode ser oral - transmitida de boca em boca, ou ainda de forma mais primitiva, por imitação.* Com base nesta visão, abordamos a expressão nome tradicional, referindo-nos aos nomes que traduzem a originalidade e peculiaridade de uma comunidade, neste caso, aos nomes dados às pessoas em Mixixine e Marara. Aliás, para o mesmo autor, a função da tradição é tornar social a experiência individual por intermédio do homem que tem o poder de ligar o passado ao presente por meio da linguagem.

À luz dos pressupostos que temos vindo a apresentar, em torno dos nomes e apelidos, que constituem foco da pesquisa e, cientes de que, da mesma maneira que “dizer, é fazer” (John Austin), ou ainda “escrever, é fazer” (Beatrice Fraenkel), dar nome, no contexto africano, é fazer, daí que, quisemos, dos nomes e apelidos tradicionais, perceber, neste trabalho e em Mexixine e Marara, fazer o quê? Que actos sociais são materializados em cada acto de dar nome ou de chamar? Quais são as condições, pragmáticas, sociais ou motivações de atribuição destes nomes? Que valores estes nomes e apelidos veiculam no seio destas comunidades? Qual é a dimensão pragmática, semântica e simbólica destes nomes e apelidos? Quem dá o nome a quem e a partir de que critério? Como é que estes nomes e apelidos são encarados no seio da comunidade? O que é que estes nomes e apelidos nos dizem sobre a comunidade, os respectivos portadores e atribuidores dos nomes? O que é que é feito no acto de dar nome para legitimá-lo? Que implicações os nomes e apelidos têm no seio dos que recebem, chamam e dão? Portanto, as respostas destas perguntas encontram-se no capítulo de apresentação, análise e discussão de dados deste trabalho.

Quanto aos instrumentos de recolha de dados, usamos a entrevista, observação de aulas, analise documental e historia vivida.

Retomando a abordagem sobre o objecto de estudo que nos propusemos estudar e da explicitação no parágrafo anterior das perspectivas da abordagem deste trabalho, importa-nos ressaltar que o acto de dar nome é um dever plasmado nos direitos da criança e, em África em geral e Moçambique em particular, embora se reconhecendo o dever, o acto de dar nome envolve muitos critérios culturais, religiosos e sociais, entre eles as circunstâncias em que a criança nasce e a vida da própria família. Portanto, são todos estes valores extra-linguísticos que existem nos nomes, que se estudam nos nomes e apelidos e defendemos que sejam divulgados, conservados e valorizados na educação. Aliás, como clama KARAGIANIS (2010:54),

os mass media, embora sejam fortes agentes socializadores, pecam por fazer diluir culturas e tradições ancestrais em detrimento de assimilação de valores importados geralmente da cultura ocidental. Os programas que transmitem não espelham a cultura do país e nem da região. As crianças assimilam modelos de comportamentos que chocam com os valores da família e da sua sociedade. (…) os pais e encarregados de educação não acompanham, não colaboram com a escola em relação aos estudos dos seus filhos ou educandos(…) os pais não seleccionam os programas que os filhos devem assistir(…).

*1.1.Objectivos*

Para a pesquisa, formuláramos os seguintes objectivos:

*1.1.1.Objectivo Geral*

– Conhecer os critérios e situações de atribuição, contextos de uso, dimensão simbólica, cultural dos nomes tradicionais das pessoas e dos apelidos africanos em Chuabo e Nyungue e propor a sua valorização na educação através do currículo local.

*1.1.1.1.Objectivos específicos*

(i)- Indicar os critérios, contextos e situações em que os nomes próprios tradicionais são dados às pessoas, seu valor cultural e simbólico assim como a dimensão cultural dos apelidos em Mixixine na Zambezia e Marara em Tete;

(ii) Identificar, em Mixixine e Marara, os contextos situacionais em que os apelidos são usados em detrimento dos nomes tradicionais de pessoas e vice-versa e identificar as razões que concorrem para o efeito;

(iii) Relacionar os nomes dados às pessoas e apelidos, seu valor cultural e a sua simbologia na configuração das comunidades em que desencadeamos o estudo;

(iv) Sugerir mecanismos de actuação das comunidades para a valorização destes nomes na educação e a sua correcta integração pelos professores de língua portuguesa no currículo local.

*1.2.Problema*

Face a problemática, a questão que se coloca é: *Quando se usam os nomes tradicionais de pessoas e apelidos, porquê e quais os critérios e situações de atribuição desta palavras, a dimensão simbólica, social e valores culturais estão por destras de lexemas que configuram a maneira de estar, ser e pensar das comunidades moçambicanas que possam, através do currículo local, serem e como integrados na educação das crianças?*

**VISÃO TEORICA**

*2.2.Conceito de nome*

CUNHA e CINTRA (2002:177), definem o nome como *a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.* Os autores consideram substantivos *os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de uma espécie ou de um dos seus representantes*. Também consideram nomes, substantivos referentes *às noções, acções, estados e qualidades, tomados como seres, como é o caso de Justiça, colheita, velhice, largura, bondade.*

Do ponto de vista sintáctico, os mesmos autores consideram nome *a palavra que serve, privativamente, de núcleo de sujeito, do objecto directo, do objecto indirecto e do agente da passiva*. CUNHA e CINTRA *op cit* (2002:177), sublinham que *toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo/nome (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).*

MATEUS *et al* (2004:2010) vêem os nomes como pertencentes a uma classe semântica. Para as autoras, *os nomes são categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente por terem um potencial de referência, isto é, por serem, em geral, utilizados numa situação concreta de comunicação, com uma função designatória ou de nomeação.* Também sustentam que,

Como é possível encarar quaisquer objectos como nomeáveis, os nomes podem designar uma gama de entidades cuja consideração (ou construção) envolve, do ponto de vista cognitivo, diferentes graus de abstracção e complexidade conceptual. Ou seja, os objectos nomeáveis e os nominais que os designam pertencem a tipos diferentes (MATEUS *et al*, 2004).

Portanto, podemos perceber que as visões aqui apresentadas, sobre a noção de nome, quer de CUNHA e CINTRA (2002), assim como de MATEUS *et al* (2004), são de abordagem desta classe gramatical associada aos contextos frásico ou sintáctico, cuja interpretação depende do contexto linguístico e não dos elementos extra-linguística. Portanto, é sobre esta última linha sobre a qual o estudo pretende reflectir.

Há que dizer que suspeitamos que o nome na África, para além de ser visto como entidade que designa alguém ou coisa, serve de ‟intermediaria fiel” da sociedade africana para mandar recados à receptores culturalmente identificados, contrariamente a visão ocidental que os autores supracitados apresentam.

Quanto ao tipo ou classificação de nome, CUNHA e CINTRA *op cit*, como também MATEUS *et al. Op cit.* comungam, visto que eles dividem os substantivos em dois grandes grupos, ou seja, em nomes que se referem a entidades abstractas, como Justiça, verdade, optimismo etc. e os que designam entidades concretas, como os que se referem a seres propriamente ditos. No que concerne à esta divisão e o impacto que terá na perspectiva em que se deseja abordar a categoria nome no trabalho, não influenciará em termos de abordagem. Porém, sublinharmos que, em função dos objectivos formulados no quadro do nosso trabalho, se trabalhará com esta classificação de MATEUS *et al* e CUNHA e CINTRA anteriormente citados, com os nomes concretos e não abstracto, visto que se trabalhará com nomes de pessoas, que, como bem os autores discriminaram, fazem parte dos concretos.

Na visão de MATEUS *et al* (2004), há que apreender uma coisa que achamos caminho à onomástica dos nomes, quando aproximam a semântica dos nomes ao contexto. Nesta senda, o contexto da semântica dos nomes em Moçambique, reveste-se de elementos culturais e, que fazem com que o nome, para além de ser identidade da pessoa, alargue o seu horizonte semântico construído pelos elementos extra-linguísticos, contemplados de forma intencional com os membros que comungam a mesma cultura, como se pode conferir na citação a seguir de CUMBE (2012:40), que retrata um episódio real do quotidiano:

A dinâmica de transformações é notória igualmente fora da capital nos casos em que o Mestre nomenclador decide mudar o nome do seu cão pela justa causa, tal é o caso deste cão Manjacaziano que inicialmente chamava-se “*Boby*”. Porém, a sogra descontente com achegada da nora, sob pretexto que ela não gostava do filho só vinha ao lar para aproveitar-se do seu dinheiro, dos seus bens materiais e da sua virilidade, duas semanas depois da chegada da nora, ordenou que “*Boby*” passasse a chamar-se “*Matendência*”. O filho revoltado com esta nomenclatura ruim, decidiu consolar e encorajar a esposa lesada, comprando um cachorro que responde pelo nome de “*Timissela*” em jeito de resposta à mãe “provocadora”, “metida” e “ciumenta”. O outro exemplo é desta cadela do bairro da Liberdade que inicialmente chamava-se “*Margarida*”. No entanto, devido ao comportamento canibal que consistia em comer os seus cachorros em cada gestação três semanas depois, a mesma cadela passou de “*Margarida*” para “*Bruxa*”.

Como se pode testemunhar no excerto, o nome não é, na sociedade moçambicana atribuído com o objectivo de apenas nomear, identificar a coisa ou pessoa, mas para exprimir sentimentos do ‟nomenclador” ou proprietário da coisa, neste caso da(s) dona(s) do cão. Com efeito, comparados os contextos que os autores que se tem vindo a citar referem, podemos perceber que são totalmente diferentes e que os moçambicanos usam outros critérios de base cultural para atribuírem nome às pessoas ou coisas.

*Contextos e fins de atribuição dos nomes tradicionais*

Como afloramos acima, os dados colhidos mostram certamente que existem muitos contextos e fins de e para a atribuição de nomes tradicionais. Antes porém, importa sublinhar que as duas comunidades reconhecem a existência do bem e do mal, ou seja, os residentes das duas comunidades reconhecem que na comunidade existem os que trabalham para o bem (os de Deus) e os que trabalham para o mal (os de diabo) e toda a manifestação tende ao bem combater o mal.

Também, cientes de que os espíritos dos antepassados são coadjuvantes da vida dos descendentes, de que todo o presente depende da vontade dos antepassados e de que as sua vidas são conduzidas pelos espíritos dos antepassados, os Chuabos de Mixixine e os Nyungues de Marara dão nomes aos seus filhos/pessoas com a finalidade, no geral, de manter uma boa relação com os espíritos dos antepassados da família, pois com isso, condição primária para a harmonia familiar, saúde em abundância para os membros da família, cura de enfermidades, paz etc., e o inverso, a maldição total.

O chamado nome de casa é o que conversa ou mantém ligação com os espíritos dos antepassados, é o que é por estes reconhecidos, nos *Mukutos/ Sandacas*, nos *Insapes/kuyombezos*. Diante destes pressupostos, podemos afirmar que estão aqui os fundamentos africanos da visão de John Austin e de Beatrice Fraenkel que assumem que, se da mesma maneira “dizer, é fazer”, ou ainda “escrever, é fazer”, dar nome, no contexto africano, é harmonizar-se com os espíritos dos antepassados, é buscar paz, tranquilidade, cura ou manifestar a sua identidade religiosa e sentimentos individuais e colectivos.

Das duas comunidades, constatamos que os nomes tradicionais podem-se atribuir nas seguintes situações:*(i) Encargo social (Ndhaka – cerimónia da passagem de um filho considerado Ngodzue para a Dubzi - funções do pai)*,*(ii) em situação de doença*, *(iii) rejeição do anterior nome pelos espíritos dos antepassados da família*, *(iv) crítica às vicissitudes do mundo* e *(v) indecisão ou desespero em relação ao futuro e vi) apresentação de uma evidência ou estado de alguém*, *vii)ostracismo -* quando nasce e morre por *cathawa.*

*(i) Encargo social (Ndhaka – cerimonia da passagem de um filho considerado Ngodzue para a Dubzi - funções do pai):* O chefe da família nestas duas comunidades é o homem, o pai da casa. Este, por tradição local, possui poderes na resolução dos problemas da família, na comunidade, na religião e em outros espaços. Pode, às vezes, o chefe da família coincidir com líder de zona e religioso. Quando este morre, um dos filhos, em geral tem sido o filho mais velho que adquire/assume[[3]](#footnote-3) o nome do pai e automaticamente todos os poderes do seu pai, ou seja, *de Ngodzue passa para a Dubzi*, em cerimónias da família, da comunidade, o eleito ocupa o lugar que o seu pai ocupava, merece o mesmo respeito, dignidade do pai.

*(iii) rejeição do anterior nome pelos espíritos dos antepassados da família*. Muitas vezes a comunidade dá nome a uma criança/pessoa e depois os espíritos dos antepassados da família reclamam outro. Ao se constatar isso, a família imediatamente é obrigada a atribuir um outro, conforme a orientação das orientações tradicionais.

*(iv) crítica às vicissitudes do mundo*. Neste contexto, os nomes que são atribuídos às pessoas/crianças são exactamente para criticarem, muitas vezes de forma metafórica, comportamentos sociais como a feitiçaria, inveja, problemas entre membros da mesma família. Preferencialmente dão os nomes como *Nyamayau* (vossa carne).

*(v) indecisão ou desespero em relação ao futuro.* Este contexto é continuação do processo de *Encargo social.* Numa situação em que um filho assume nome e poderes do pai e, porque não é algo previsível, muitas vezes os eleitos se sentem incapazes de assumir essa nova realidade, daí, inseguros, incertos, desesperados, preferem manifestar esse estado de incerteza dando nome a um filho, sobrinho que manifeste isso. Exemplo, em Mixixine uma jovem perdera a sua mãe e depois ela, mais velha dos 9 irmãos, eleita vê-se responsabilizada pela chefia de toda a família. Conscidentemente, no mesmo período, o seu irmão mais novo teve um filho, ao que ela atribuiu o nome de PEENO, em Chuabo que significa, em Português - *não sei o que será*, *não sei como farei*, *não sei, doravante como viveremos, o que vai acontecer com a morte da mamã*. Portanto, é a estas várias incertezas que o nome do seu sobrinho responde. Esta visão, vem concordar MARTINS (2005:15), segundo ele, *a cultura popular, por sua vez, já traz intrínseco um modo de pensar a respeito de seus eventos sob uma perspectiva do futuro, por meio de sua formas de manifestação(…)entrevendo por meio deles a possibilidade de uma ordem social*.

*vi)Apresentação de uma evidência ou estado de alguém.* Vezes há, em Mixixine, assim como em Marara, situações em que alguém dá parto e morre, sobrevive a criança e, conscidentemente sem pai. Nessa situação, a comunidade ou família atribui um nome que traduza o estado social dessa criança, dados, por exemplo nome como - *Muanampaue*, em chuabo que significa em português, *órfã*o. Ou em situação em que uma criança nasce e o pai nega, nyungue, *Alibe*, não tem pai.

vii) *Pelo aparecimento do primogénito ou primeiro filho*. Há situações em que um casal, depois do aparecimento ou nascimento do primeiro filho, o pai ou a mãe passa a ser conhecido por *pai de…*Por exemplo, se num casal nasce um filho de nome *Ciribe*, o pai ou a mãe passa a se chamar por pai de *Ciribe*. Nesta situação, a mãe ou o pai perde o seu nome e passa a ser conhecido por mãe de… ou pai de...Entretanto, em situações de cerimónias, o nome tradicional ou o nome de casa destes passa a ser legítimo para o contacto com os antepassado.

Portanto, o tipo de situação em que é dado o nome define o tipo de nome, *cathawa*, quem fugiu, ou seja, o nome em África muitas das vezes reflecte a situação ou circunstancias em que o nome é dado.

Também, importa referir que naquelas comunidades, há limites claros entre os critérios ocidentais e locais, por exemplo, **os apelidos** não são usados nessas comunidades, mas sim o nome do clã, o antepassado comum. Aliás, os dados mostram claramente que em Mixixne e Marara os apelidos são usados na perspectiva da definição de MATSIMBE (2009:241), citando GININDZA (1992), segundo a qual apelidos são *nomes que identificam um clã ou uma linhagem na família*. Assim como da visão de SCHAPERA (1950) segundo a perspectiva, apelido é uma palavra que particularmente referencia o nome colectivo de pessoas cuja prática sexual entre membros desta linhagem é rigorosamente proibida. Este estudioso afirma ainda que os apelidos são nomes que uma pessoa compartilha com todos os membros da sua família, diferentemente do nome. Contrariamente a visão apresentada no site <http://www.bonks.com.br/2003/10/30/apelidos>, que considera os apelidos como nomes atribuídos às pessoas em função daquilo que ela tem como característica ou faz, senão vejamos, *o apelido não descreve: mostra a foto. É ouvir o apelido e ver a figura apelidada, como se fosse um holograma no mais puro 3D.*

Portanto, em Mixixine (*akudha*) e em Marara (*zinza ya*), os apelidos são invocados como representantes ou pais de uma determinada família ou aquém se pede autorização em nome dos espíritos dos antepassados de uma família*.* Por exemplo, em cerimónia tradicional, segundo nossos informantes, invocam-se os clãs (apelidos na perspectiva de SCHAPERA (1950)) para que aceite o nome, dê saúde, sorte, etc.

*Conclusão*

1. De facto, os dados colhidos e analisados, confirmam que os nomes próprios e tradicionais dados às pessoas em Mixixine e Marara não só identificam as pessoas, mas também são reveladores de sentimentos, envio de mensagens de tristeza, de alegria, de conformismos, de inconformismo, de satisfação, de recordações e outras vicissitudes da vida. Exemplos disso, temos nomes como *Phaniine*, em *Cinyungue*, que significa, em Português *Matem a mim*, numa situação em que os progenitores, vendo que estavam a sofrer perseguições, matando-se-lhes os filho, decide entregar a sua própria vida ao invés de matarem os seus filhos. Também, por exemplo, *Mathiquiniyo* em Chuabo, significa em Português, *dificuldades*, nome que revela que a família teve várias dificuldades no período da sua gestação e para o seu nascimento;
2. Quanto aos critérios que se usam para a atribuição dos nomes tradicionais de pessoas, dados por nós recolhidos e analisados, mostram que para a atribuição de nome tradicionais às pessoas, recorrem a vários critérios que ligados à vida dos pais, da família, das circunstâncias em que a própria criança nasce,o lugar da criança em relação aos irmãos, ou seja, se a criança for primeira sorte ou não, se for primogénito, as circunstâncias da união do casal, o lugar em que a criança nasce, a religião dos pais, se o nome do filho anterior vem da família dos pais ou da família da mãe.
3. Quanto aos momentos, contextos ou situações em que as pessoas recebem ou são atribuídas nomes, as comunidades de Mixixine e Marara dão nomes as pessoas nas seguintes situações: *encargo social (Ndhaka), rejeição do anterior nome pelos espírito dos antepassados da família, crítica às vicissitudes do mundo, indecisão ou desespero em relação ao futuro, apresentação de uma evidencia ou estado de alguém, pelo aparecimento do primogénito ou primeiro filho ou quando se pretende mostrar a ordem dos filhos;*
4. Também concluímos que o acto de dar dois ou mais nomes em Mixixine e Marara, chamar esses nomes é obediência a cultura, aos espíritos dos antepassados, é seguir os princípios que asseguram a sobrevive dos homens e da comunidade. Também, chamar alguns destes nomes significa consentir, manifestar solidariedade com o dono do nome, já que estes nomes têm a ver com o contexto em que eles foram atribuídos. Por outro lado, como ficou evidente, chamar estes nomes significa reviver, recordar ou imortalizar factos, pessoas e outras coisas importantes para a comunidade que reside nos nomes que se dão às pessoas, animais domésticos, rios, pontes, escolas, cemitérios. Outrossim, para legitimar o nome é preciso uma cerimónia em que se apresenta o nome aos espíritos dos antepassados da família e da comunidade que se chama de SANDACA, em Mexixine e NDAKA/INSAPE/ KUMANGUIRAZINA em Marara. E, estes nomes são encarados na comunidade como tesouro, são depósitos de acontecimentos, de recados de manifestação religiosa, de sentimentos de medo, conformismo, alegria, resistência.
5. Concluímos de igual modo que o chamado nome de casa tem uma relação plena com a vida da pessoa que recebe, pois, tem a ver com o contexto ou circunstancias em que essa pessoa nasce, cresce, se comporta e, este nomes configuram a maneira de pensar, viver da comunidade de Mixixine e Marara na medida em que estes nomes revelam dores, alegrias, indecisão, matem ligação entre os espíritos dos antepassados com os vivos.
6. Finalmente concluímos que em Mixixine e Marara os apelidos não se usam, no seu lugar são usados os nomes das linhagens. Também ficamos cientes que o currículo local é tratado numa perspectiva económica, recorrendo-se ao fabrico de cestos, panelas e não se trata por disciplina e muito menos se investigam os saberes locais nas histórias, canções e na própria sociedade para se integrarem nas disciplinas.
7. Finalmente, em função dos dados colhidos dos nossos informantes, concluímos que a maneira de dar nome, a semântica dos nomes tradicionais, o valor cultural e simbólico constituem reservas culturais que configuram a maneira de ser e de pensar das comunidades de Mixixine e de Marara.
8. Quanto a presença dos nomes próprios tradicionais nos manuais escolares, dos já analisados no capitulo anterior, concluímos que, de facto a ausência, quase total da presença dos nomes tradicional.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDI, B. *Introdução aos estudos Etno-antropológicos*: Lisboa. Edições 70, 2007.

CUNHA e C. *Nova Gramática do Portuguesa Contemporâneo*. Lisboa, JSL, 2002 *.*

*CUMBE. C. Cão-escola em acção: educar “à maneira”…. Por uma antropologia de linguagem dos nomes de cães em Moçambique*.UDZIWI. Disponível na Internet via correio electrónico: www.up.ac.mz. Universidade Pedagógica de Moçambique. Professora Doutora Hildizina Norberto Dias.7.Junho.

KARAGIANIS, C. M.G.. *O Impacto de Manuais de Português do Primeiro ciclo do Ensino Primário em turmas Multiculturais*. Dissertação Científica para obtenção do grau de mestre em ensino de Português como língua Segunda. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

MARTINS, C. *Antropologia das coisas do povo*: São Paulo. Editora Roca LDA, 2005.

MATEUS.M. *et al* .*Gramática da Língua Portuguesa*: Lisboa, Caminho, 2004.

SILVA. A..*Reflexões em Torno dos Nomes Próprios.* Rio de Janeiro. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012

THOMO, J.F., *A dimensão dos nomes na configuração etnográfica e cultural das comunidades moçambicanas, uma abordagem sociolinguística*. Dissertação Científica para obtenção do grau de mestre em Educação e Ensino de Português. Faculdade de Ciências da Linguagem, comunicação e Artes. Maputo, Universidade Pedagógica de Moçambique, 2010.

1. Docente na Universidade Pedagógica, Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes; Coordenador do Núcleo de Estudos Antropológicos no CEMEC – Centro de Estudos Moçambicanos e de Etnociência da UP [↑](#footnote-ref-1)
2. Estudo da linguagem em seu contexto social e das relações entre a linguagem e os demais aspectos da sociedade e da cultura. [↑](#footnote-ref-2)
3. Há situações em que dois ou mais filhos podem ter o nome do seu pais, vezes em que o nome do pai é o apelido da família, todos podem assim serem chamado e responderem por esse nome, entretanto, quanto aos poderes, apenas um e única é que possui. [↑](#footnote-ref-3)